



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPOS I  
CENTRO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**ANDRÉ LUÍS LINS PIRES**

**A CIDADE ILUMINADA: Tramas sobre os impactos da  
energia elétrica em Santa Cruz do Capibaribe-PE nas  
décadas de 1950 e 1960.**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2016**

**ANDRÉ LUÍS LINS PIRES**

**A CIDADE ILUMINADA: Tramas sobre os impactos da energia elétrica em Santa Cruz do Capibaribe-PE nas décadas de 1950 e 1960.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: **Prof. Me. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio**

CAMPINA GRANDE – PB  
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

P667c Pires, André Luis Lins

A cidade iluminada [manuscrito] : tramas sobre os impactos da energia elétrica em Santa Cruz do Capibaribe - PE nas décadas de 1950 e 1960. / André Luis Lins Pires. - 2016.

45 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Prof. Me. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio, Departamento de História".

1. Modernidade. 2. Eletricidade. 3. Impacto cultural. 4. Santa Cruz do Capibaribe. I. Título.

21. ed. CDD 907.2

**ANDRÉ LUÍS LINS PIRES**

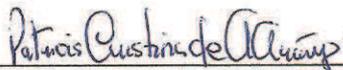
**A CIDADE ILUMINADA: Tramas sobre os impactos da energia elétrica em Santa Cruz do Capibaribe-PE nas décadas de 1950 e 1960.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Aprovada em 20/05/2016.



Prof<sup>a</sup> Me. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio / UEPB  
Orientador



Prof. Dr.<sup>a</sup> Patrícia Cristina de Aragão Araújo – DH/UEPB  
Examinadora



Prof. Me. Jordan Queiroz Gomes – DH/UEPB  
Examinador

## DEDICATÓRIA

A minha família, Wanessa Cristina e Sophia Batista,  
ambas me renovam a cada dia, DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus pelos dias de vivencia concedidos com intensidade.

À minha esposa, Wanessa Cristina Batista, e minha filha, Sophia Batista Lins, pelo companheirismo nas horas difíceis. A primeira contribuiu muito na diagramação e realização do trabalho.

Ao professor Ms. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio pelas leituras sugeridas ao longo do curso, as quais contribuíram para a minha formação profissional. Devo agradecer imensamente por acreditar no projeto, assim como pela orientação e dedicação.

Ao meu pai Sílvio Rogério e minha mãe Maria de Fátima pelo investimento em minha formação tanto intelectual quanto educacional.

Aos professores do Curso de História da UEPB que contribuíram ao longo de cinco anos, por meio das disciplinas, textos e debates, para o desenvolvimento de minha formação profissional.

Aos colegas de classe e de viagem pelos momentos de amizade e apoio. Devo citar nomes como Romeu Júnior, Liara Lira, Maria do Socorro, Antônio, Kaline, Adelma, Alysson, Hilber, Kleber, Hermínia, Saulo Alves e João Paulo Porto, vocês fizeram as dificuldades se tornarem passos saborosos. Carregarei comigo todos os dias de vivencia com o maior carinho.

## RESUMO

A proposta do trabalho é analisar os impactos culturais causados pela chegada da energia elétrica em Santa Cruz do Capibaribe, Pernambuco, no período das décadas de 1950 e 1960. Dentro desta análise buscamos entender a partir das contribuições teórico-metodológicas de Aranha (2001) quais as mudanças culturais provocadas pela emergência do moderno, nela foram consideradas modificações econômicas, sociais, culturais e modernistas. A partir disso, buscamos refletir sobre os alcances do moderno, considerando a coexistência entre o moderno e o tradicional no espaço urbano que buscava desenvolvimento. Para o intento, fizemos um exocruzamento de fontes fotográficas, orais e documentais. Historiograficamente a pesquisa se desenvolve na perspectiva da “Nova História Cultural”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Modernidade. Eletricidade. Impactos. Santa Cruz do Capibaribe.

## **A B S T R A C T**

The purpose of this study is to analyze the cultural impacts caused by the arrival of electricity in Santa Cruz do Capibaribe, Pernambuco, in the period of the 1950s and 1960. Within this analysis we seek to understand from the theoretical and methodological contributions of Aranha (2001) which cultural changes brought about by the emergence of the modern, it was considered economic changes, social, cultural and modernists. From this, we reflect on the modern achievements, considering the coexistence between the modern and the traditional in urban areas seeking development. Historiographically this research forward from the perspective of "New Cultural History".

**KEYWORDS:** Modernity. Electricity. Impacts. Santa Cruz do Capibaribe.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Nº</b>	<b>Figura</b>	<b>PG</b>
<b>FIGURA 1</b>	- Fotografia de Raimundo Francelino Aragão em 1970	20
<b>FIGURA 2</b>	- Fotografia do Coronel Luiz Alves da Silva	22
<b>FIGURA 3</b>	- Fotografia da Banda Novo Século na Rua Grande em 1914	23
<b>FIGURA 4</b>	- Fotografia do desfile de 7 de setembro de 1947	24
<b>FIGURA 5</b>	- Imagem demonstrativa sobre o crescimento municipal	26
<b>FIGURA 6</b>	- Fotografia da Rua Grande em 1947	27
<b>FIGURA 7</b>	- Fotografia da inauguração do motor adquirido pela prefeitura	28
<b>FIGURA 8</b>	- Fotografia da enchente de 1960	29
<b>FIGURA 9</b>	- Fotografia a “Rua Grande” década de 1960	30
<b>FIGURA 10</b>	- Fotografia da Igreja Matriz, início do séc. XX	32
<b>FIGURA 11</b>	- Armazém de Pedro Neves	34
<b>FIGURA 12</b>	- Chegada de postes de cimento na Vila de Poço Fundo	36
<b>FIGURA 13</b>	- Fotografia das primeiras máquinas manuais que auxiliavam na produção da sulanca, década de 1950	39

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I – OS “BEM-FEITORES” DA MODERNIZAÇÃO.....</b>	<b>13</b>
1.1 Experiência moderna .....	13
1.2 Uma breve Historia local .....	16
1.3 Os “modernizadores” .....	19
<b>CAPÍTULO II – OS ESPAÇOS DA MODERNIDADE .....</b>	<b>25</b>
2.1 Possíveis espaços da modernidade .....	25
2.2 Os espaços da “modernização” .....	27
<b>CAPÍTULO III - IMPACTOS DA MODERNIDADE: ENERGIA ELÉTRICA.....</b>	<b>32</b>
3.1 Enfim, o progresso? .....	35
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>43</b>
<b>FONTES.....</b>	<b>44</b>

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, como mencionado em título, foi realizada no interior da circunscrição urbana de Santa Cruz do Capibaribe-PE, a qual possui, como objeto principal, a análise da eletricidade e seus impactos nas práticas culturais da cidade. Nesse sentido, o trabalho teve como recorte temporal as implicações ocorridas entre as décadas de 1950 e 1960, período em que a referida localidade transitou da classificação de distrito para cidade independente, ocorrida no ano de 1953.

Como o trabalho segue como enfoque principal a cidade, *lócus* principal em diversos trabalhos científicos da atualidade, analisamos o espaço como lugar de práticas sociais e representações. Em outras perspectivas o urbano foi analisado como lugar de poder, palco de luta de classes, lugar de autoridades. Estas interpretações são importantes para a compreensão de um ambiente complexo e repleto de relações. Neste sentido, o trabalho foi realizado para reflexão, no intuito de pensar o espaço urbano de modo delimitado, entendendo que as diversas interpretações sobre o urbano se completam no esforço da formação de um cidadão consciente de sua atuação no espaço.

O palco em que se desenvolve o trabalho é Santa Cruz do Capibaribe, cidade situada no agreste pernambucano. A sua economia é destacada pela produção do vestuário, conseguindo atrair clientes das regiões Norte e Nordeste do país que buscam mercadorias baratas e de considerável qualidade. Segundo o senso do IBGE de 2010, a cidade possui cerca de 90 mil habitantes, distribuídos entre a sede, zona rural e os distritos de Pará e Poço Fundo.

Com uma economia importante e pujante, a cidade sofre com um considerável aumento populacional, as quais buscam, na maioria das vezes, melhores condições de emprego e renda. Esta onda de migração acaba contribuindo com boa parte dos transtornos estruturais, visto que a cidade possui diversos bairros sem a presença de esgotamento sanitário, água encanada e pavimentação, itens caros a pesquisa realizada.

É neste mundo urbano, repleto de avanços e retrocessos, que a pesquisa foi desenvolvida, pensada a partir da chegada da modernidade e os impactos causados na população local. Se hoje a cidade encontra-se em um caos estrutural, talvez o

ontem fosse momento de euforia para muitos que sonharam com a modernização dela.

Para pensar este espaço urbano, em sua especificidade, a pesquisa buscou entender os impactos da energia elétrica nas relações culturais da sociedade, com vistas a compreender as mudanças, resistências e afirmações de uma sociedade em pleno contato com o moderno. Na concepção Cultural da História, a qual tem dado profunda contribuição no debate sobre o mundo urbano<sup>1</sup>, compactuamos com as noções de práticas e representações, para o qual as representações são parte integrante da realidade uma vez que são leituras dos fenômenos urbanos que abrange as práticas sociais. (FILHO, p.44).

Seguindo um cronograma específico para compreender estes impactos, o trabalho foi organizado em três capítulos, tentando abarcar os objetivos do projeto.

Sendo assim, a primeira parte do trabalho tentou evidenciar os conquistadores do item moderno em análise, mostrando quais personalidades ficaram marcadas no imaginário local como percussoras da energia elétrica. A pretensão do capítulo foi tentar cunhar a atuação social em um meio marcado por conquistas governamentais, mostrando que os indivíduos participam deste processo de modernização.

A segunda parte do nosso trabalho teve a pretensão de mostrar os locais de instalação da energia elétrica. Neste, os esforços foram direcionados para mapear os locais que foram contemplados com a chegada da energia elétrica em ruas, bairros, casas e regiões. Esta reflexão serviu para entender que nem toda a população urbana de Santa Cruz do Capibaribe-PE foi beneficiada com a chegada de um item moderno, mostrando o aspecto dual de uma cidade em pleno processo de modernização.

No terceiro capítulo tentamos compreender os impactos causados pela emergência da energia elétrica nas práticas culturais daquela localidade. Nesta etapa foram considerados os aspectos “positivos” e “negativos” do alcance do moderno, levando a entender que a instalação do moderno convive com aspectos tradicionais.

Para realização do projeto contamos com quatro tipos de fontes. As fontes orais (memória) e imagéticas foram predominantes frente aos indícios jornalístico e “oficial”. A memória buscou compreender desde a aquisição do moderno até os

---

<sup>1</sup> A este respeito, consulte o artigo de PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma História cultural do urbano. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1995.

impactos causados pela sua instalação, nela enfatizamos recordações de pessoas que viveram as décadas em análise, 1950 e 1960. As fontes imagéticas, jornalística e oficial foram empregadas para criticar memórias e buscar informações sobre o momento em questão. A partir delas, representamos as práticas de uma sociedade que acabara de interagir com o moderno dentro das singularidades que lhe cabiam.

# CAPÍTULO I

## OS “BEM-FEITORES” DA MODERNIZAÇÃO

### 1.1. Experiência moderna

A análise sobre o objeto experiências modernas em Santa Cruz do Capibaribe, a qual recai no objetivo de entender os impactos do moderno, será observada a luz da perspectiva da História Cultural, considerando o sujeito ativo, construindo História, modificando espaços e relações. Diante do cenário urbano, este corriqueiramente utilizado em diferentes abordagens historiográficas, o homem constrói modos de vida, dinâmicas particulares e relações sociais.

Observando estas diferentes abordagens sobre o ambiente urbano, podemos destacar, a título de exemplos, as tramas de perspectiva marxista, onde estes espaços ganharam análises com vistas a compreender os sistemas produtivos, as relações trabalhistas, o acúmulo de capital. Em outras perspectivas, como na historiografia pós-moderna, cujo maior expoente é o filósofo francês Michael Foucault, o urbano está intimamente ligado como espaço titular de poder, este regulando os corpos, fundamentado nos discursos científicos, como encontrados nos conceitos da Medicina, Direito, Pedagogia, Arquitetura, etc. Tais formas de compreender a historiografia enriquecem o cenário histórico e contribuem no entendimento do mundo urbano, visto sua complexidade de relações, práticas e setores.

Em face da perspectiva da História Cultural, o trabalho seguirá no esforço de analisar o moderno. Mas, em qual moderno a análise será pautada? O moderno será entendido no conceito de itens modernos ou signos modernos, este compreende que as experiências modernas atingiram os diversos espaços urbanos, já que os ensaios da modernidade estão atrelados a equipamentos ou modelos considerados modernos, estes, quando inseridos numa realidade, causam mudanças, sejam elas imediatas ou paulatinas, obedecendo às especificidades de cada região. ARANHA (2001, p. 3) destacou sobre a instalação do trem na Paraíba:

[...] o trem de ferro provoca um enorme impacto na vida cotidiana nortista, impacto esse captado por meio de imagens que o erigem como signo moderno relacionado à emergência de um novo espaço-tempo. Trata-se de demonstrar que o trem de ferro, quando relacionado ao mundo da cultura, não só provoca mudanças dignas de nota em todas as comunidades por onde passa– [...] – como provoca mudanças no dia a dia de todos seus atores sociais [...].

Sendo assim, a cidade em análise adquiriu experiências modernas uma vez que possibilitou o contato da sociedade, que nela habitava, com os equipamentos ou modelos considerados modernos. Estes contatos possibilitaram mudanças em um espaço marcado por uma temporalidade própria. Com destaque a energia elétrica em Santa Cruz do Capibaribe, LISBOA (1990, p. 130), professor e memorialista, escreveu em seu livro:

Raimundo Aragão<sup>2</sup> queria Santa Cruz iluminada com a energia da CHESF (Companhia Hidroelétrica do São Francisco), energia de Paulo Afonso. Haveria energia e claridade durante as vinte e quatro horas do dia. O progresso viria rápido, e a civilização chegaria célebre.

Este relato demonstra que as experiências modernas não se limitam apenas as metrópoles europeias, Paris e Londres, as quais carregam como símbolos básicos a combinação de industrialização, ritmo fremente, alta densidade demográfica e presença de itens tecnológicos, sendo a velocidade das transformações o marco principal. Santa Cruz do Capibaribe viveu esta emergência, a qual alterou sua dinâmica e imaginário social. Como descreve Lisboa, o “progresso” chegara junto à instalação da energia elétrica, esse “avanço” traria uma nova relação espaço-tempo entre os habitantes santa-cruzenses.

Além de considerar a utilização de conceito de itens modernos, debatido pelo professor Gervácio Batista Aranha<sup>3</sup>, devemos reconhecer a influência europeia sofrida, levando a entender que o moderno brasileiro do século XIX e XX, mas especificamente os itens modernos, tinham como perspectivas as últimas tendências europeias e norte-americanas, seja na forma arquitetônica, na aquisição de aparelhos modernos e na utilização do discurso modernizador. Observado na concepção de FILHO (2009, p.46).

---

<sup>2</sup> Primeiro prefeito eleito de Santa Cruz do Capibaribe-PE. É muito lembrado pela emancipação e obras realizadas, tido como um grande gestor e modernizador do embrionário município.

<sup>3</sup> O conceito de itens modernos ou signo moderno é debatido por Aranha no título: Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: Tramas político-econômicas e práticas culturais (1880-1925). Tese de doutorado em História. Campinas, Unicamp, 2001.

[...] não há como negar a forte influência, o “deslocamento para todo o mundo ocidental”, do ideário que norteou as experiências modernizadoras francesa, inglesa e americana nos contextos modernizadores verificados no Brasil desde o final do século XIX. Aqueles que pensaram a modernização de Campina Grande não poderiam deixar de buscar inspirações nos modelos das matrizes europeia e americana e nas demais experiências realizadas ou que estavam se realizando no Brasil.

Nesse sentido, compreender o trabalho requer uma compreensão do conceito de modernidade utilizado, bem como a apreensão de que o item moderno adquire experiências diferentes em localidades diversas, não obedecendo a padrões pré-estabelecidos. Todavia, devemos estar atentos à influência exercida na aquisição de equipamentos ou no modelo considerado moderno, já que estes pertencem, na maioria das vezes, a matrizes europeia e americana.

O trabalho sobre as experiências modernas também deve levar em consideração os seus impactos positivos e negativos, uma vez que a chegada de tais equipamentos não garante o efetivo progresso da região, muito menos o entusiasmo de todos os integrantes de uma sociedade. Esta concepção entende que a resistência a determinados itens, muitas vezes exercida por camadas conservadoras, existe e que faz parte da dinâmica social. Esta ideia pode ser extraída do pensamento de Antônio Paulo Rezende, o qual fazia referências à experiência moderna no Recife na década de 1920.

[...] em todas as cidades atingidas pelo ritmo veloz da modernidade, as mudanças ocorreram diante da perplexidade e resistência de muitos, mas nem todos se sentiram seduzidos pelas invenções modernas, pela inovação dos hábitos, pela concepção de tempo que exigia mais pressa. Nem todos ficaram à vontade com a ideia de ruptura de práticas de convivência social enraizadas. (FILHO, 2009, p.49)

Dentro desta perspectiva podemos considerar a tradição como um elemento de resistência, esta trabalhada na obra de Severino Cabral Filho, “A cidade revelada: Campina Grande em Imagem e História”. Neste contexto, este trabalho observará também as resistências que marcaram a instalação de equipamentos modernos, bem como as disputas ocorridas entre os diversos setores sociais.

Sendo assim, todos os conceitos apresentados nortearão a pesquisa, bem como busca oferecer a comunidade acadêmica um debate sobre as questões que

envolvem o mundo urbano. Trabalhando o âmbito das cidades, a História Cultural visa compreender as práticas individuais e coletivas, abordando e enxergando o indivíduo como projetor de uma realidade, engenheiro de sua História.

## 1.2. Uma breve História local

O processo de povoamento local é provido de diversas explicações. Entre estas, destacam-se a ocupação realizada pelo português Antônio Burgos, ocorrida na segunda metade do século XVIII, e a aglomeração formada a partir do Padre Ibiapina<sup>4</sup>, datada da segunda metade do século XIX. A segunda forma de ocupação da região é mais aceita dentro do cenário historiográfico local, sendo constantemente lembrada na elaboração de pesquisas acadêmica realizadas sobre a cidade.

Sobre a ocupação realizada por Antônio Burgos, ARAÚJO (2003, p. 11) destaca:

Por volta de 1750, vivia em Recife, capital da Província de Pernambuco, o português Antônio Burgos. Tendo adoecido de um mal grave, talvez incurável para época, foi aconselhado pelos médicos a procurar um clima mais ameno no sertão, por exemplo, onde encontrasse um clima salobro e seco.

Antônio Burgos, acompanhado por seus escravos, saiu da capital, margeando o Rio Capibaribe até que chegou nestas paragens onde acampou com seus escravos. Burgos gostou do clima e logo tratou de construir uma cabana de taipa para se alojar. Um pouco mais adiante, à margem direita do Capibaribe, Construiu uma capela também de taipa, no interior da qual colocou imagens sagradas, inclusive um crucifixo de madeira. A imagem do crucificado ainda hoje preside o altar-mor da atual igreja.

Tal ocupação da região é fixada e transmitida pelo imaginário local, embora não existam fontes suficientes para atestar a chegada e povoamento do território a partir da figura do português. Além desta restrição das fontes, pesquisadores e memorialistas destacam algumas incoerências no relato:

Apesar dessa, ser a versão de que se têm notícias, há alguns pontos que sempre serão questionados, entre elas destaca-se a origem do nome “Burgos” e o fato de não existir registro de nenhum descendente de Antônio Burgos e de nenhum de seus escravos. (ARAÚJO, p. 13. 2008)

---

<sup>4</sup> O Padre Ibiapina ficou bastante conhecido pelas peregrinações e realizações de bem feitorias nas cidades nordestinas. Deixou marcas significativas na região em estudo.

Ainda sobre a ocupação portuguesa, JULIÃO (2010, p.13) relata:

Embora entendamos que muitos vestígios se perdem e são ocultados no contexto da história por motivos diversos, não podemos cair no erro de historicizar algo sem uma comprovação que se dê através de vestígios e fontes que nos possibilite construir essa história.

A incoerência e a restrição de fontes leva a historiografia local a reproduzir relatos orais que remetem a ocupação do século XVIII, embora estes pesquisadores alertem para a fragilidade do contexto propagado. As evidências deste passado, as fontes, estão limitadas a algumas imagens, um crucifixo de madeira encontrado no interior de uma pequena capela construída pelo português e relatos orais de pessoas que não vivenciaram o momento da chegada portuguesa em Santa Cruz do Capibaribe-PE.

A segunda teoria sobre a ocupação santa-cruzense remete a construção da Igreja Matriz, esta que carrega em sua nave central o ano de sua construção, 1874. Como mencionado acima, a construção foi orquestrada pelo Pe. Ibiapina na localidade onde foi “erguida” uma pequena capela de “taipa” relacionada à ocupação de Antônio Burgos.

Esta forma de povoamento remete ao modelo de ocupação convencional das cidades brasileiras desde o período colonial. O catolicismo, difundido pelos portugueses, seria a instituição central no imaginário e na formação do mundo urbano brasileiro. Sobre as ocupações das terras santa-cruzenses, o professor Lindolfo Pereira destaca:

Pe. Ibiapina é o verdadeiro fundador de Santa Cruz do Capibaribe. Não vejo nenhuma razão pra se dar esse título a Antônio Burgos. Um enfermo que acampou aqui para aproveitar o clima sadio e recuperar a saúde. O fato de Burgos construir a capela onde está hoje a Igreja Matriz, não o atesta como fundador desta cidade. Naqueles tempos todo mundo era católico, especialmente os portugueses e espanhóis. Não era surpreendente que um homem de posses como Antônio Burgos construísse uma capela, até mesmo uma catedral. (...) fundador de verdade, autêntico e com provas cabíveis é o Pe. Ibiapina, que em 1874 levantou a Igreja sobre as ruínas da capela de Burgos. A obra de Ibiapina é hoje a Igreja Matriz. Burgos desapareceu sem deixar notícias nem rastros. E todo brasileiro sabe que nossas povoações, futuras cidades, todas elas, nasceram nos oitões das igrejas. (LISBOA, 1990, p. 24).

Desde sua ocupação até a emancipação política foram percorridos quase cem anos de crescimento e formações sociais e culturais próprias. A vila buscou sua emancipação política, já que pertencia a Taquaritinga do Norte, em meados do final

da década de vinte séc. XX. As lutas pela emancipação política tem como destaque um “Libertador”, Raimundo Francelino Aragão, o qual exerceu dois mandatos de prefeito no período em análise.

Sobre este processo de emancipação é importante observar as várias petições que foram direcionadas a autoridade estaduais. Nelas, encontramos um panorama da vila de Santa Cruz nos períodos em que as súplicas foram enviadas para a capital do estado. Em uma delas, Raimundo Aragão, destaca, em 1938, as características da vila:

[...] Possui grande feira, a maior do município, e rende cerca de 15.000\$00 (quinze contos) por ano do imposto de chão.  
É iluminada á luz elétrica, tendo 406 casas, com uma população de 1.206 almas, existindo no município, cerca de dez mil habitantes, dando uma renda possível de para mais de 50.000\$00 (cinquenta contos) anuais:  
Seu comércio tem 15 casas de estivas, 5 padarias, 2 casas de ferragens, duas farmácias, 4 armazéns de compra de algodão, mamona, peles e ovos. Possui ainda, um bilhar, 3 hotéis, 1 café, 2 alfaiatarias, 3 barbearias, 3 oficinas de sapateiros, automóvel de aluguel, 7 caminhões para transporte, duas casas para aluguel de bicicleta.  
Em 1884 foi criada a agência postal que se conserva até hoje, sendo atualmente agência postal e telegráfica, cujo aparelho foi inaugurado em 1924 [...]. (LISBOA, p 41)

Este relato sobre a vila nos trás a construção de um cenário sobre sua organização estrutural e social. É importante deixar claro que o documento foi elaborado por pessoas que buscavam a aprovação da independência junto ao governo estadual, logo, a valorização das características positivas e ocultação dos aspectos negativos poderiam ser peça-chave na aprovação da pedida. Contudo, não podemos deixa-lo a margem da construção historiográfica do município, uma vez que funcionou como método de tentativa de emancipação da vila.

Na década posterior, em outra carta enviada ao Interventor Federal no Estado de Pernambuco, no ano de 1943, a vila é também descrita:

Possui Santa Cruz 476 casas residenciais, fora as que estão em construção, o que supera o mínimo exigido para ser elevada à cidade, sede de município.  
Tem um consultório médico com um profissional que reside na vila, mais duas farmácias. Tem três padarias e dois bilhares; três hotéis e seis cafés tipo bares; duas alfaiatarias e quatro barbearias; dez oficinas de sapateiros e cinco de ferreiros; mais onze mercearias; dezoito estabelecimentos comerciais de estivas e três lojas de tecidos; dois postos de gasolina e duas agências de querosene; três automóveis de passeio de aluguel e dois particulares; oito caminhões de transportes; duas casas de alugar bicicletas e trinta bicicletas particulares; cinco armazéns de compra de algodão, peles, mamona, ovos etc; um motor de beneficiar algodão [...]; uma fábrica de

beneficiar caroá [...]; a feira de gado tem um movimento semanal de 500 a 600 cabeças. Com capacidade para o dobro. (LISBOA, p. 47)

Como podemos perceber nesses relatos, a vila de Santa Cruz, próximo ao período de emancipação, contava com grande quantidade de itens modernos como: o telegrama, hotéis, iluminação elétrica, carros de passeio e caminhões, consultório médico e motores que facilitavam no beneficiamento de produtos cultivados na localidade, como o caroá e o algodão.

É importante deixar claro que a energia elétrica, em destaque, provinha de um empresário conhecido por Coronel Luís Alves<sup>5</sup>, este tinha posse de um motor, movido à gasolina, que gerava energia elétrica para uma parte da cidade das 19 horas até às 21 horas da noite. A dinâmica que envolve esta conquista e as subsequentes será desenvolvida nos capítulos posteriores.

### **1.3. Os “modernizadores”**

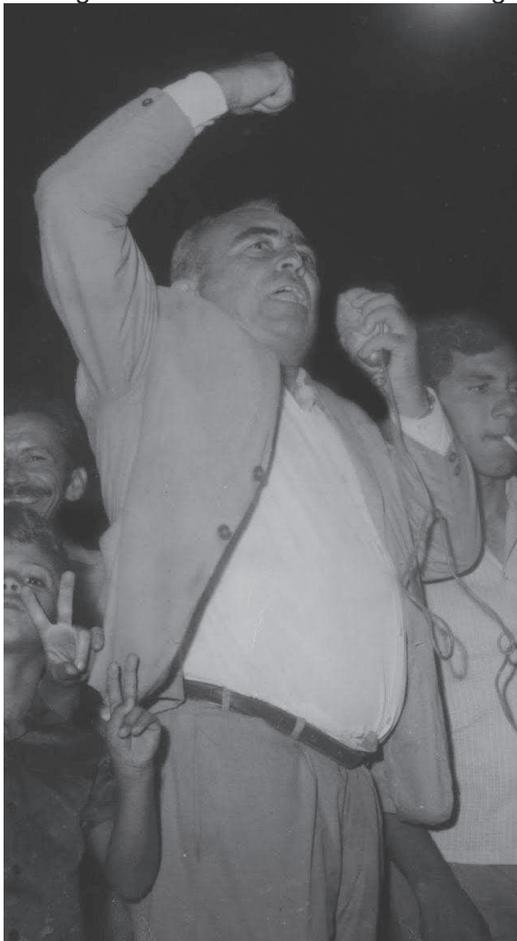
O estudo sobre a modernização implica não só entender o uso de equipamentos considerados modernos, aqueles que alteram a noção de espaço-tempo, nem tampouco perceber somente os impactos causados pela sua utilização. O conhecimento sobre as conquistas, bem como os responsáveis pela aquisição do item, são fatores importantes para compreender as projeções de uma cidade que buscava a sua modernidade.

Além da luta pela emancipação, travada desde a década de vinte do século XX e conquistada no ano de 1953, Santa Cruz do Capibaribe conviveu com batalhas incansáveis para a conquista do moderno. Moderno esse que traria a personificação do modernizador, Raimundo Francelino Aragão. Este, lembrado por muitos como patrono da independência e visionário regional

---

<sup>5</sup> Importante empresário que, radicado em Santa Cruz, impulsionou a vida econômica local.

Figura nº 1 – fotografia de Raimundo Francelino Aragão em 1970.



Fonte: Professor Arnaldo Vitorino Silva

Sobre as conquistas de Raimundo Aragão, Lisboa pontuou:

A independência municipal, a aquisição de terras para o elastecimento da cidade, a água, a luz, o ginásio, são demais para um só. Tudo o mais que Santa Cruz tem hoje e terá no futuro, tudo veio e terá vindo em função do que deixou o eminente, o ínclito, o dinâmico Raimundo Francelino Aragão. (LISBOA, p. 132. 2003).

É verdade que algumas conquistas de itens modernos, assim como a emancipação política municipal, tiveram uma participação intensiva de Raimundo Aragão. No entanto, não podemos nos submeter às interpretações generalizantes que são construídas e perpassadas por gerações, levando a formação de heróis ou mitos que por si só significam aquilo que foi vitória no passado.

José Murilo de Carvalho ao escrever sobre a formação dos heróis da República Brasileira comentou:

Heróis são símbolos poderosos, encarnações de ideias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva. São, por isso, instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos. (CARVALHO, p. 55)

Para o mesmo autor, todos os regimes políticos cultuam seus heróis. Este pode ser construído de duas formas, uma remete aos esforços e as lutas que antecederam a vitória, é a construção espontânea e o reconhecimento popular. Na outra, o herói foi construído mediante uma disputa midiática, uma construção teórica (CARVALHO, p. 55).

A titulação de herói dada ao Raimundo Aragão, por sua luta antecedente ao feito (SANTOS, p. 32), não pode ofuscar a participação popular na conquista do moderno, assim como da própria emancipação política municipal.

Em relato firmado pelo professor Lindolfo Pereira de Lisboa, o qual escreve uma biografia apaixonada sobre o Raimundo Francelino Aragão, a vila de Santa Cruz já possuía energia elétrica antes da conquista realizada pelo governo Raimundo: “A princípio, a luz em Santa Cruz era fornecida pelo empresário Luiz Alves da Silva, Raimundo Aragão, em seu primeiro mandato [1955-1959], adquiriu motor próprio e a energia passou pela prefeitura” (LISBOA, p. 132).

Sobre a conquista do motor gerador de energia elétrica, Edson Tavares apontou:

Na Inglaterra, Luiz Alves comprou um motor a óleo, que foi instalado às margens do Rio Capibaribe, nas imediações de onde, hoje, fica o Banco Santander, para gerar energia elétrica para a cidade. Meu pai contava que, quando se aproximava a hora de desligar o motor, era dado um sinal, para dar tempo a quem estivesse na rua ir para casa com as luzes ainda acesas. (TAVARES, 2014)

Figura nº 2 – fotografia do Coronel Luís Alves da Silva.



Fonte: Professor Arnaldo Vitorino Silva

Seguindo o mesmo pensamento sobre o pioneirismo de Luiz Alves, José Augusto Maia compôs: “[...]Chegou coronel Luiz Alves e o progresso fez surgir/ trouxe o primeiro telégrafo/ pra energia o motor/ cinema, rádio e vitrola/ e o automóvel comprou[...]” (MAIA, 2011).

Essas evidências comprovam que a primeira experiência da sociedade santa-cruzense com a energia elétrica partiu das astúcias do empresário, o qual também foi responsável pela aquisição de outros equipamentos modernos.

O ano de aquisição do motor de propriedade de Luiz Alves é uma incógnita. Sabe-se muito sobre a finalidade da compra, assim como as formas de utilização. No entanto, através do método indiciário de Carlo Ginzburg, podemos nos aproximar de datações prováveis para a chegada desse item conquistado pelo coronel. Para o autor:

[...] o historiador é, por definição, um investigador para quem as experiências, no sentido rigoroso do termo, estão vedadas. Reproduzir uma revolução é impossível, não só na prática, como em princípio, para uma disciplina que estuda fenômenos temporalmente irreversíveis enquanto tais [...] (GINZBURG, p. 180)

O trato com a fonte pode nos trazer algumas informações sobre o passado, principalmente se utilizarmos o método de investigação proposto pelo Ginzburg. Sendo assim, algumas fotografias e relatos sobre o período podem nos levar a

informações sobre o período aproximado de instalação do motor que fornecia energia elétrica para a vila de Santa Cruz.

Figura nº 3 – fotografia da Banda Novo Século na Rua Grande em 1914.



Fonte: Professor Arnaldo Vitorino Silva

Embora a fotografia acima não apresente uma grande qualidade, fruto da deficiência arquivista da cidade, podemos observar a principal rua local, Rua Grande<sup>6</sup>, no ano de 1914. Nela, que ao fundo nota-se a igreja Matriz, observamos a ausência de iluminação gerada por energia elétrica, representada por postes, fiações e lâmpadas. A fotografia, uma das poucas com datação disponível, nos serve como marco final de um período de não utilização da energia elétrica.

A imagem abaixo, datada de 1947, representa a mesma rua em ângulo aproximado. Nela, observa-se a presença de postes de madeira e lâmpadas que estão localizados na sua margem direita e esquerda.

---

<sup>6</sup> A Rua Grande foi palco do início do povoamento local, a igreja ao fundo é a Matriz, a qual teve a participação do Padre Ibiapina na sua construção em 1874.

Figura nº 4 – fotografia do desfile de 7 de setembro de 1947.



Fonte: Fábio Aragão

Na petição para a emancipação, datada de 1938, podemos observar:

[A vila de Santa Cruz] É iluminada á luz elétrica, tendo 406 casas, com uma população de 1.206 almas, existindo no município, cerca de dez mil habitantes, dando uma renda possível de para mais de 50.000\$00 (cinquenta contos) anuais [...]. (LISBOA, p 41)

As imagens, assim como o relato, podem retratar esta datação aproximada sobre o primeiro contato da população santa-cruzense com a energia elétrica. Embora não estabeleça um período preciso, estas evidências servem de pistas para o encontro do momento de contato, entre 1914 e 1938.

Certo mesmo? É a participação civil e política no melhoramento energético local segundo o imaginário da população. O Coronel Luiz Alves fabricou inicialmente este contato, limitado e restrito, já que o motor fora utilizado para a geração de energia elétrica que alimentaria suas máquinas, sua produção e parte das ruas locais. Raimundo Francelino Aragão contribuiu com a adesão do motor em nome da prefeitura, enquanto prefeito na década de cinquenta, e na conquista da instalação energética via CHESF no final da década de sessenta.

## CAPÍTULO II

### OS ESPAÇOS DA MODERNIDADE

#### 2.1. Possíveis espaços da modernidade

Os documentos que envolvem a busca pela emancipação política da vila de Santa Cruz mostram, em detalhes, a sua organização. Estes são importantes para traçar um mapeamento humano, estrutural e econômico daquele território entre as décadas de vinte, trinta e quarenta do século XX, já que as petições ocorreram nas três décadas anteriores à emancipação.

Entretanto, as informações contidas no mesmo não são suficientes, por si só, para evidenciar todos os espaços presentes naquela localidade entre as décadas de cinquenta e sessenta do século passado. Espaços estes que funcionaram como palco para as medidas modernistas.

Na petição de 1938 são destacadas características estruturais da vila como o número de casas (406 moradias) e a presença de um comércio que atingia diversas especialidades: mercearia, postos de gasolina e querosene, farmácias, padarias, alfaiatarias, casas de estivas e ferragens, armazéns, barbearias, hotéis, oficinas para sapatos e escolas (LISBOA, p. 41). Além disso, a vila contava também com a presença de alguns equipamentos considerados modernos como: telegrama, iluminação elétrica movida a motor, automóveis, motocicletas e cinema (LISBOA, p. 42).

Contribuindo na reprodução do espaço urbano santa-cruzense ARAÚJO (2003) destacou:

Em 1930, aqui só existiam quatro ruas, assim mesmo, sem nomes. Eram conhecidas por apelidos que o povo mesmo botava. Era a rua Grande (atual Av. Pe. Zuzinha), a Rua do Pátio (atual Rua Raimundo Francelino Aragão), Rua do Alto (hoje, Av. Jatobá) e Rua do Vento ou Rua do Cabaré, também chamada pelo nome de Zona porque era a artéria utilizada pelas mulheres da noite (hoje tem o nome de Saldanha da Gama) (P. 37).

Em mapeamento das ruas e bairros, realizado pela prefeitura (2000), podemos perceber a extensão do território santa-cruzense entre as décadas de quarenta e noventa, bem como suas direções de crescimento.

Figura nº 5 – Imagem demonstrativa sobre o crescimento municipal.



Fonte: Professor Arnaldo Vitorino Silva

A área mais escura representa o espaço urbano santa-cruzense entre as décadas de quarenta e sessenta. Ele recepcionou os primeiros itens modernos, não de forma integral, mas gradual.

Seu principal logradouro, a “Rua Grande”, além de palco inicial do povoamento local foi lugar da modernização primeira, visto sua composição comercial e residencial. Nela, além de concentrar as principais lojas e residências da cidade nas décadas em análise, era o espaço da feira e comemorações.

Em imagem datada de 1947 podemos observar a “Rua Grande” em dia de feira:

Figura nº 6 – Fotografia da Rua Grande em 1947.



Fonte: Professor Arnaldo Vitorino Silva

As feiras realizadas na vila possuíam uma dimensão que ultrapassava as feiras realizadas na cidade de Taquaritinga do Norte, então sede administrativa do distrito de Santa Cruz. A chegada de compradores de diversas regiões do Nordeste (ARNAL VITORINO SILVA, 2016) fez surgir uma diversidade comercial na vila, o que contribuiu com a adesão do moderno.

## 2.2. Os espaços da “modernização”

A energia elétrica, adquirida pelo Coronel Luiz Alves entre as décadas de vinte e trinta, foi instalada primeiramente em sua residência e fábrica, ambas localizadas na “Rua Grande”. Segundo o memorialista e professor aposentado Arnaldo Vitorino Silva (ENTREVISTA, 2016), energia gerada pelo motor do coronel era distribuída para sua própria residência, fábrica e casas próximas, era muito utilizada para acender lâmpadas e rádios.

Esta energia elétrica, disponibilizada pelo empresário, possuía um alcance pequeno, já que o motor que gerava energia tinha um tamanho pequeno (ARNALDO

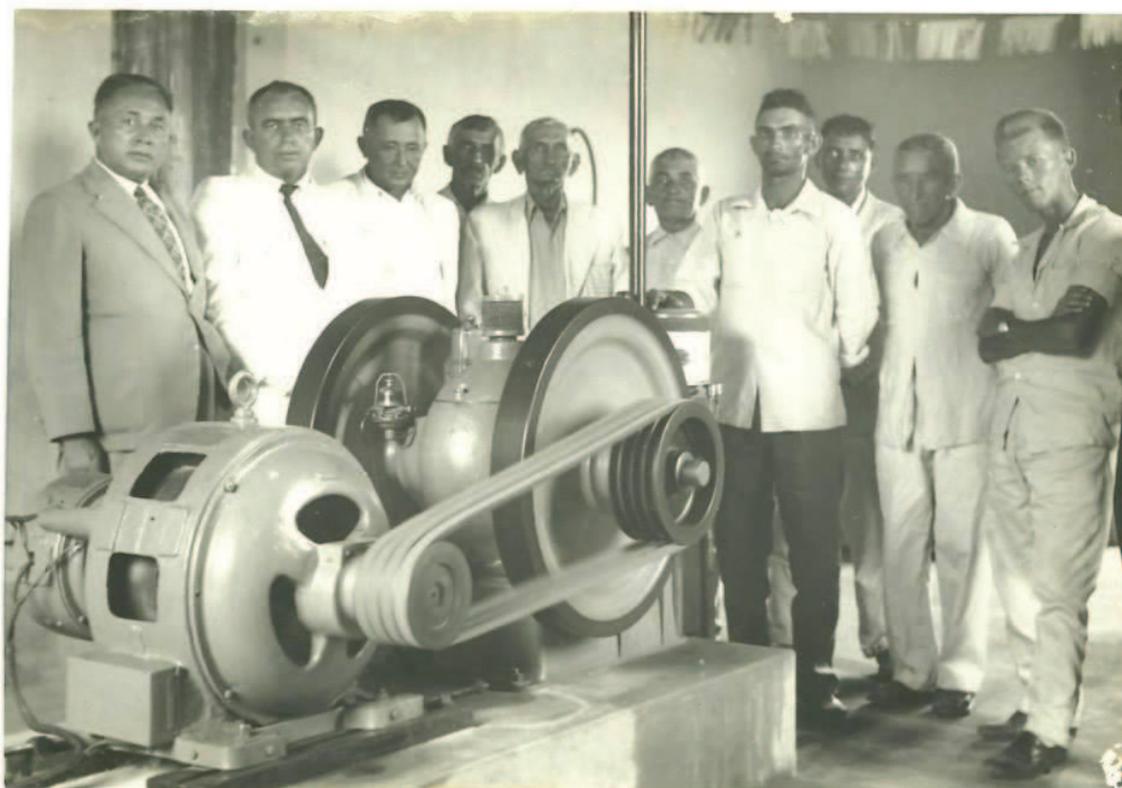
VITORINO SILVA, 2016). É provável que essa energia fosse disponibilizada para a iluminação de parte da “Rua Grande” e de vários comércios presentes na localidade. Seu funcionamento se restringia das 19 horas até às 21 horas.

Na década de cinquenta, após a emancipação política da cidade, a prefeitura adquire um motor gerador de energia para o abastecimento local. Este motor foi conquistado no primeiro mandato de Raimundo Francelino Aragão, entre 1955-1959 (LISBOA, p. 132), ele foi instalado em 1957 nas proximidades da “Rua Grande” (SEVERINO CELESTINO SANTOS, 2016).

Na descrição da fotografia abaixo, LISBOA (p. 133) pontuou:

Motor gerador de energia elétrica, adquirido por Raimundo Aragão. Na foto, da esquerda para a direita, veem-se o Deputado Dr. Emídio, o prefeito Raimundo Aragão e o vereador Nezinho Barbosa entre outros. No centro, em frente ao motor, Santino Nêu, o homem encarregado de acender a apagar a luz nas horas pré-estabelecidas.

Figura nº 7 – fotografia da inauguração do motor adquirido pela prefeitura..



Fonte: Professor Arnaldo Vitorino Silva

Na descrição da foto, evidenciada acima, podemos observar dois aspectos referentes ao uso da energia elétrica movida a motor em Santa Cruz do Capibaribe das décadas de cinquenta e sessenta. O primeiro se refere ao uso da palavra “luz”:

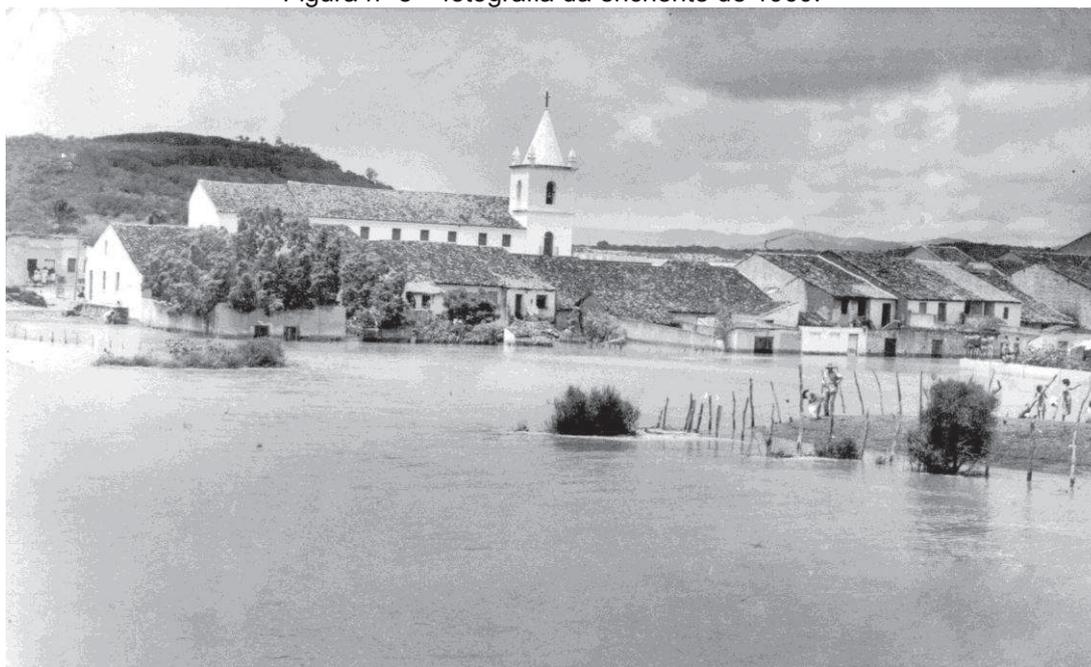
“Santino Néu, o homem encarregado de acender a apagar a luz nas horas pré-estabelecidas.” (LISBOA, p 133). Esta descrição nos leva a crer que o uso da energia tinha como principal função a iluminação de residências, comércios e de vias públicas. Este fator é justificado pela pouca presença de equipamentos domésticos movidos à eletricidade na região, eles estavam limitados a alguns rádios e pouquíssimas geladeiras, já que a maioria funcionava a gás (ARNALDO VITORINO SILVA, 2016).

No outro aspecto, observamos que o moderno estava limitado a um tempo pré-estabelecido, ou seja, só poderia ser utilizado em um tempo programado, não estendendo o uso do moderno às vinte e quatro horas diárias. “[...] Santa Cruz era iluminada a motor. Só à noite, havia energia elétrica. As lâmpadas acendiam-se às 18 horas e apagavam-se às 22 horas” (LISBOA, p. 130).

Aos poucos, outras ruas da cidade foram vivenciando a experiência com o moderno, a energia elétrica. Algumas ruas mais próximas da artéria principal da cidade tiveram esta experiência moderna tardia, muitas pessoas se organizaram em busca do moderno (SEVERINO CELESTINO SANTOS, 2016).

A cidade de Santa Cruz do Capibaribe convivera com a coexistência entre o moderno e o tradicional, enquanto ruas e casas se adaptavam ao moderno outros espaços conviveram com o antigo, o arcaico.

Figura nº 8 – fotografia da enchente de 1960.



Fonte: Professor Arnaldo Vitorino Silva

A imagem da enchente de 1960 destaca a “Rua do Vento”, esta localizada por trás da “Rua Grande”. O que se percebe nela é a ausência de iluminação pública, via postes de madeira. A artéria principal da cidade, local de recepção do moderno, possuía postes suficientes para a iluminação de parte dela, como se observa abaixo:

Figura nº 9 – fotografia a “Rua Grande” década de 1960.



Fonte: Professor Arnaldo Vitorino Silva

Destacando a “Rua Grande” do alto da torre da Igreja Matriz percebemos a existência de postes que distribuíam energia para casas e lâmpadas que iluminavam o espaço central da cidade. A energia fornecida ainda era gerada pelo motor de propriedade da prefeitura, já que os postes em destaque eram de madeira (ARNALDO VITORINO SILVA, 2016).

Em meados da década de sessenta, do século XX, Santa Cruz do Capibaribe recebera a tão esperada instalação da rede elétrica de Paulo Afonso, a CHESF (Companhia Hidroelétrica do São Francisco). Sabe-se que a instalação ocorreu no segundo mandato de prefeito do Raimundo Francelino Aragão. Em jornal publicado no estado do Rio Grande do Norte, sobre a cidade que modernizava, encontramos as seguintes especificações:

Santa Cruz do Capibaribe, cidade localizada na zona do Agreste pernambucano, tem experimentado nesses últimos anos um surto de desenvolvimento só equiparado as grandes cidades do sul do país, graças à ação dos administradores à frente de seus destinos.

Emancipada política e economicamente no ano de 1953, puderam os santacruzenses verificar o quanto foi benéfica a emancipação de sua comuna.

A partir deste ano puderam seus habitantes contar com um moderno e bem aparelhado Ginásio Municipal, as suas principais artérias foram calçadas, novo açougue público foi construído, contando agora com a luz de Paulo Afonso, afora outras realizações de grande porte como Grupos Escolares, arborização, iluminação nos distritos, remodelação das estradas ligando as cidades circunvizinhas, etc.

Santa Cruz do Capibaribe conta atualmente com cerca de 2200 casas residenciais, devendo-se ressaltar um número insignificante de mocambos na cidade: apenas 9.

A Prefeitura Municipal tem dado condições a qualquer pessoa construir sua residência, doando terreno e oferecendo a assistência de técnicos engenheiros para elaboração de plantas, etc.

Raimundo Aragão, líder político da região e grande municipalista, é responsável por essas realizações. [...]. Jornal Tribuna do Norte da cidade de Natal, RN. 17 de setembro de 1963.

O ano de publicação do jornal, o qual descreve a cidade de Santa Cruz do Capibaribe como cidade modelo de Pernambuco, nos leva a compreender que no início da década de sessenta a cidade já contara com o fornecimento energético da CHESF. Era o progresso! (LISBOA, p. 134).

A energia gerada pela CHESF traria uma excelência ao fornecimento energético municipal, visto a precariedade do fornecimento a motor. Em certos dias, o motor que era responsável por gerar energia diminuía a velocidade e conseqüentemente sua força energética, fazendo diminuir a luz da lâmpada. (ARNALDO VITORINO SILVA, 2016).

A própria energia fornecida pela CHESF não alcançara todos os espaços pertencentes à cidade de Santa Cruz do Capibaribe. Os postes chegaram primeiro na “Rua Grande”, nela meu primo e outras pessoas trataram de derrubar os postes de madeira, símbolos da energia gerada pelo motor. (ARNALDO VITORINO SILVA, 2016).

Nesse sentido, podemos perceber que a chegada do item moderno não garante o efetivo progresso da região de forma integral. O contato com a energia gerada a motor foi limitada, visto seu alcance restrito. A instalação da energia fornecida pela CHESF não ocorreu inicialmente de forma total, algumas ruas não foram beneficiadas, ainda na década de sessenta, com ícone máximo da modernidade.

### CAPÍTULO III

#### IMPACTOS DA MODERNIDADE: ENERGIA ELÉTRICA

Seguindo as perspectivas da instalação da energia elétrica nas regiões nordestinas, principalmente interioranas, a vila de Santa Cruz conseguiu esta conquista em meados das décadas de vinte e trinta do século XX. Algumas cidades, como Campina Grande-PB, importante centro comercial da região, conseguira sua adesão em 1920. (ARANHA, p. 116. 2005).

É evidente que as conquistas ocorreram de formas diferenciadas, cada uma com especificidades próprias. Santa Cruz conseguira ter contato com a energia privada, restrita e gerada a motor, o que implicava uma dinâmica diferente de uso e de alcance. No entanto, não podemos desconsiderar o contato do item moderno com a população santa-cruzense, mesmo que de forma restrita.

Nos períodos anteriores a conquista da eletricidade a vila era iluminada a querosene, o qual representava “o supremo *atraso* em matéria de iluminação pública” (ARANHA, p. 117. 2005). Enquanto outras cidades já haviam substituído o querosene pela iluminação a gás carbônico, a exemplo de Recife e Fortaleza, a vila de Santa Cruz transitou do atraso ao contato com o que havia de mais moderno, a eletricidade.

Figura nº 11 – fotografia da Igreja Matriz, início do séc. XX.



Fonte: Professor Arnaldo Vitorino Silva

Possuímos poucas informações e fontes sobre a dinâmica de uso da iluminação a querosene na vila. No entanto, é coerente pensar no seu funcionamento analisando outros espaços que utilizaram essa fonte de luminosidade. Na cidade da Parahyba do Norte, por exemplo, existira a figura do acendedor de lampiões, o qual era encarregado de iluminar a cidade nos horários pré-estabelecidos (ARANHA, p. 119. 2005).

Não muito diferente dos períodos iniciais da energia elétrica na vila de Santa Cruz, a energia a querosene na cidade da Parahyba do Norte funcionava em horários definidos, com a figura do acendedor. Na vila, a energia gerada pelo motor do Coronel Luiz Alves era distribuída em horários também definidos, com a presença daquele responsável pelo ato de ligar e desligar (ARNALDO VITORINO SILVA, 2016). No entanto, é importante pensar no caráter instantâneo de distribuição proporcionada pela energia a motor, enquanto o acendedor dos postes a querosene acendia e apagava em ritmo cadenciado.

Pela restrição do uso da energia gerada pelo motor do coronel, a alguns poucos espaços da “Rua Grande”, escassas modificações puderam se observar no espaço urbano santa-cruzense, principalmente nas áreas onde o moderno não alcançou.

Após a aquisição do gerador da prefeitura, em meados de 1955 a 1959, a dinâmica de funcionamento foi semelhante aquela do coronel Luiz Alves, porém, com impacto muito maior. A extensão do uso da energia elétrica gerada pelo motor da prefeitura proporcionou algumas modificações no espaço urbano da cidade.

Uma das primeiras modificações que se fez observar foi à alteração da noção de tempo para o habitante acostumado às relações naturais. Neste, observamos que a aquisição do moderno, eletricidade, estendeu a noção de dia em cinco horas, tempo suficiente para modificar relações sociais e culturais entre os habitantes da localidade. Júlio Ferreira de Araújo comentou sobre as brincadeiras infantis nos tempos do motor:

Das 18 às 22 h, com as ruas iluminadas [...], todos brincavam alegremente. Quando faltavam 15 minutos para às 22 h, o motor dava um sinal de que logo mais a luz se apagaria. Aí, a meninada corria toda, cada um para sua casa. Era hora de se recolherem. (ARAÚJO, p. 50)

Estas relações foram proporcionadas pela segurança que a iluminação elétrica trouxe aos habitantes locais, ela diminuía os riscos de incêndios e clareava as ruas com maior qualidade, se comparada à luz gerada a querosene.

Mesmo assim, como evidenciado nos capítulos anteriores, as ruas e casa que contavam com a energia elétrica eram restritas, principalmente entre as décadas de vinte e cinquenta do século XX.

Mesmo diante da restrição a maioria dos habitantes da cidade queriam instalar o moderno em suas residências. Duas coisas foram fundamentais para a restrição, a primeira foi à insuficiência do motor gerar energia para todas as casas, a outra era a dificuldade de adquirir lâmpadas, interruptores, fios, tomadas e chave de energia. Esses equipamentos vendiam em pequenas quantidades nos armazéns da cidade, só aos poucos os armazéns foram se abastecendo. (ARNALDO VITORINO SILVA, 2016)

Os armazéns locais se adaptaram aos novos tempos, tempo da energia elétrica, aos pouco adquiriram produtos que viabilizavam a instalação da energia nas casas dos habitantes santa-cruzenses.

Figura nº 12 – Armazém de Pedro Neves



Fonte: Professor Arnaldo Vitorino Silva

O próprio comércio, com o fornecimento energético da prefeitura, passou a prolongar seus expedientes (SEVERINO CELESTINO SANTOS, 2016). A iluminação a querosene não traria segurança para o uso próximo das mercadorias, os incêndios poderiam ocorrer com maior facilidade. Sobre a incompatibilidade entre comércio e querosene, Aranha destacou o caso que ocorreu na Paraíba:

E exatamente por não contar com um moderno sistema de iluminação, a exemplo da que existe no Recife, à base de gás carbônico, é que na capital paraibana, aí por volta de 1890, certo comerciante (Domingos Griza) teve sua loja totalmente consumida por um incêndio, isto “devido à explosão do Kerosene”, levando-o a perder, em poucas horas, “todo o fructo de seu trabalho”. Sendo um “agente illuminativo” de alto risco, a tragédia com o Sr. Domingos Griza teria sido exemplar para os comerciantes locais que insistem em manter suas lojas funcionando à noite. (ARANHA, p. 117. 2005)

Aliás, as residências que eram abastecidas a luz de querosene também sofreriam a insegurança gerada por esse tipo de iluminação. A eletricidade, ao contrário, trouxe segurança e cadenciou um contato diferente com o urbano em destaque.

### **3.1. Enfim, o progresso?**

A década de sessenta foi marcada pela conquista da energia elétrica fornecida pela Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF), chamada popularmente de “energia de Paulo Afonso”. Com ela, os ritmos da vida social mudaram, as fábricas tomaram outros rumos, o comércio alavancou e novos itens modernos puderam se fazer sentir.

Sobre a chegada deste fornecimento energético Arnaldo Vitorino Silva pontuou:

[..] lembro nos anos sessenta, quando eu acompanhei um [..] primo para cortar alguns postes de energia, eu não tinha força na época, estava com seis anos e andava carregando um machado pequeno que meu pai tinha [..] e eles andavam com um machado maior, não só ele, mas outras pessoas que andavam cortando os postes que existiam na rua, principalmente na “Rua Grande, a gente chamava de “Rua Grande” a rua da Igreja Matriz, e andamos pela cidade, onde tinha poste de madeira era pra ser cortado, retirado a fiação e cavar os buracos para o pessoal vir com a energia que na época chamavam de energia de Paulo Afonso [..] (ARNALDO VITORINO SILVA, 2016)

As substituições dos postes de madeira pelos postes de cimento marcaram a transição de uma energia gerada a motor, fornecida somente quatro horas do dia, pelo fornecimento estadual, que poderia ser utilizada às vinte e quatro horas diárias.

Momentos antes da chegada grupos opositores ao governo Raimundo duvidaram e retardaram a conquista para a cidade. Chegaram a evidenciar as altas tarifas cobradas pela energia do estado que, comparadas com os impostos de iluminação cobrados pela prefeitura, pareciam inadequadas. (SEVERINO CELESTINO SANTOS, 2016)

“Quando chegou foi uma festa!” (SEVERINO CELESTINO SANTOS, 2016). A cidade parou para observar a chegada da energia. Este entusiasmo logo se transformou em dificuldades, os armazéns locais não dispunham de fios de cobre necessários para o fornecimento energético do estado. Sobre esse aspecto Arnaldo Vitorino comentou:

De início, quando a energia chegou, todo mundo queria “botar” [colocar], quem tinha a fiação antiga, que na época se utilizava muito o alumínio, isso tinha que ser trocado, vinha um fio mais resistente, o fio de cobre. Se você uni um fio de cobre com um de alumínio ele derrete o de alumínio. (ARNALDO VITORINO SILVA, 2016) [GRIFO NOSSO]

Abaixo, um registro da chegada de postes no distrito de Poço Fundo, então pertencente à Santa Cruz do Capibaribe-PE.

Figura nº 13 – Chegada de postes de cimento na Vila de Poço Fundo.



Fonte: Professor Arnaldo Vitorino Silva

Como evidenciamos acima, a chegada da energia elétrica fornecida pela CHESF traria para o habitante local um sentimento de felicidade, entusiasmo e de modernização. Para Severino Celestino Santos os custos que garantiam o fornecimento da energia eram pequenos se comparadas as suas contribuições na economia, no social e no cultural da localidade. (SEVERINO CELESTINO SANTOS, 2016).

A comunicação local, restrita a cartas, telegramas, jornais impressos e poucos rádios, passou a contar com um novo componente, a televisão. Ela proporcionou, embora de maneira restrita, o contato diário do santa-cruzense com novidades criadas ou difundidas no sul e sudeste do Brasil, então centros de atração das cidades brasileiras. Severino Celestino Santos pontuou sobre a televisão em Santa Cruz.

No tempo do motor [...], não tinha televisão aqui ainda não, a televisão aqui é muito nova é dos anos de setenta pra cá. Mas antes era negócio de um rádio [...], uns rádios já a energia, tinha uns rádios a energia, agora televisão era muito pouca aqui. (SEVERINO CELESTINO SANTOS, 2016)

A mesma televisão que servira a uma classe privilegiada, onde somente as pessoas de alta renda possuíam, se tornaram também objetos de uso dos mais pobres. Em certos momentos as televisões e informações eram compartilhadas como pontuou Arnaldo Vitorino Silva.

[...] onde tinha energia elétrica poucas pessoas tinham televisão e a meninada que estava no rio lá, brincando, jogando bola, tudo lá, quando chegava a hora que tinha um filme que passava na TV e a meninada gostava [...], a turma saía, deixava a bola no rio, e saía pra perto das televisões. A televisão de Zé de Raimundo Aragão, de dona Nicinha, de Sr. Zé Neves, o pessoal sentava nessa janela ficava “pinhado” de menino, e dona Nicinha vinha lá e separava, “botava” olha: os menores “vêm” pra frente, os maiores vão pra trás, aí ficava a turma “catucando” dando “cascudo” em um e outro, “futucando”, pra “poder” ver o filme. (ARNALDO VITORINO SILVA, 2016)

A aquisição da televisão, favorecida graças à energia elétrica da CHESF, tornou possível uma difusão maior das informações tanto do meio infantil quanto adulto. Notícias, informações e entretenimento passaram a fazer parte do cotidiano dos habitantes, logo, as práticas culturais e sociais passaram a considerar as programações exibidas nas telas.

Na economia, a energia elétrica favoreceu a chegada e o desenvolvimento de “fábricas” na região de análise. Sobre a chegada de fábricas Severino Celestino Santos relatou:

[...] pegou a aparecer uma fábrica de uma coisa, outra “dotra”, negócio de as coisas se “desenvolver” e mais depois, antes da energia mesmo num tinha serraria, essas coisas não tinha, porque a luz não dava pra “puxar” pra essas coisas não, só era mesmo pra servir pra clarear. Depois da “Celpe” aí começou chegando uma fábrica de fubá, outra de café que nem já teve aqui [...]. (SEVERINO CELESTINO SANTOS, 2016)

Estas fábricas apontadas por Santos foram atraídas tanto pela energia elétrica quanto pela notoriedade da feira local, a qual recebia compradores de diversas partes do nordeste brasileiro. Aliás, a feira também colaborou para o surgimento da Sulanca<sup>7</sup> entre as décadas de cinquenta e sessenta. Com a chegada da energia fornecida pela CHESF à confecção do vestuário pode contar com equipamentos que beneficiasse sua produção.

Sobre esse aspecto, Arnaldo Vitorino Silva comentou:

[...] a energia só veio melhoras à cidade, ao poucos foi passando para a máquina de costura também elétrica, os motores elétricos também, minha mãe trabalhava com bordados e esse bordado era com uma máquina manual, apareceram uns motores pequenininhos, elétricos, aí pra ela foi uma felicidade, enquanto ela fazia um bordado, uma “casa” de camisa, em dez minutos ou cinco minutos, no motorzinho ela fazia em um minuto, a energia só veio revolucionar [...]. (ARNALDO VITORINO SILVA, 2016)

O desenvolvimento da sulanca atraiu um grande número de pessoas para a cidade, principalmente dos habitantes rurais (ARNALDO VITORINO SILVA, 2016). A nova matriz energética forneceu forças para o melhoramento e aumento da produção tanto do vestuário quanto de outras especialidades.

---

<sup>7</sup> Confecção do vestuário. O nome é a união da matéria-prima, utilizada por muitos, com o local de sua aquisição. Sul mais Helenca, Sulanca.

Figura nº 14 – Fotografia das primeiras máquinas manuais que auxiliavam na produção da sulanca, década de 1950.



Fonte: Professor Arnaldo Vitorino Silva

Marcado por uma temporalidade nova, a qual dispunha de um fornecimento energético quase sem pausas, o meio urbano conviveu com novas relações. A noção de espaço-tempo, debatida por Aranha (2005), foi gradualmente alterada no espaço santa-cruzense.

Os casais de enamorados, por exemplo, passaram a ocupar novos espaços que não dispunham do item moderno, ou seja, se distanciaram das ruas principais que contavam com a iluminação elétrica. Júlio Ferreira comenta o porquê da prática:

Para se namorar e se noivar era necessário pedir licença aos pais da moça. Quando os dois se atraíam, passavam um pelo outro piscando um olho. Com mais tempo, os dois se aproximavam, se entendiam e iniciavam o namoro. Mas nem sequer era permitido se tocarem, nem mesmo um pegar na mão do outro. Imagine beijar! Isso nem pensar. Provavelmente o beijo acontecia, como sempre aconteceu, desde que o mundo é mundo, mas era tão ocultamente que somente os dois sabiam, ninguém mais. Dificilmente eram flagrados. (ARAÚJO, p 45)

Os encontros dos casais que buscavam “avançar” na relação provavelmente eram realizados em espaços que não disponibilizavam de iluminação elétrica, já que

a efetivação do ato de abraçar e beijar em público poderia comprometer a reputação da mulher. Esta “fuga” dos espaços de iluminação pública poderia frustrar as intenções do poder público em proporcionar conforto aos habitantes locais. As ações descritas funcionam como um elemento de resistência frente a uma cidade que buscava se modernizar, regular as ações dos cidadãos.

A coexistência entre o moderno e o tradicional pode ser observada também na própria incapacidade de fornecer energia para todos os espaços urbanos da cidade. Enquanto ruas eram beneficiadas com o moderno, tornando-se palco do contato entre o signo moderno e os habitantes, outras regiões continuavam utilizando a energia a querosene. Esta incapacidade de fornecimento de energia para todos os espaços de Santa Cruz do Capibaribe gerou o aparecimento de instalações clandestinas que levavam a energia para algumas casas mais afastadas. Arnaldo Vitorino Silva sobre o fornecimento de energia na casa onde morava comentou:

[...] os últimos postes eram justamente na rua próximo a casa de meu pai, de início quando Pedro começou a construir a casa ali a energia chegou por lá por conta de umas varas de madeira que “botaram” pra ter energia por lá, depois que a casa ficou pronta, que demorou um tempo pra pai fazer essa casa, quase seis ou sete anos, [...] passou energia ali nas ruas paralelas [...]. (ARNALDO VITORINO SILVA, 2016)

Percebemos no relato a formação de ações que contrariavam a ideia de uniformidade, regulação e desenvolvimento que tanto objetivou as cidades que buscavam a modernidade. As práticas dos habitantes locais revelam a adaptação ao meio sem a total regulação por parte do poder público ou do poder regulador.

## CONCLUSÃO

Nossa pesquisa revela, antes de tudo, um contato singular do santacruzense com o moderno. Ele obedeceu a um ritmo próprio, cadenciado por elementos que não diferem das grandes referências de modernidade. Aliás, os signos modernos, razão dos estudos de modernidade nas cidades do norte, impôs diferentes impactos dentro de uma própria circunscrição urbana, enquanto uma parte se desenvolvia outra continuava um atraso visto às referências mundiais.

O primeiro contato da energia elétrica com o habitante local demonstra esta singularidade. Enquanto outras cidades do interior nordestino contavam com a energia gerada pela CHESF a partir de 1910, Santa Cruz do Capibaribe contou com o moderno através de geração a motor, de propriedade de um civil e cadenciado por uma temporalidade limitada e lenta.

As mudanças proporcionadas a partir da aquisição do motor, entre as décadas de vinte e trinta, foram pequenas. Este fator é explicado pela limitação na distribuição e pela impossibilidade de todos garantirem esse fornecimento por meio da compra dos materiais necessários a instalação.

A aquisição do motor gerador pela prefeitura garantiu um impacto maior, visto a possibilidade de distribuição também ser maior. Neste período, década de cinquenta, a maioria das cidades nordestinas eram iluminadas pela CHESF enquanto Santa Cruz do Capibaribe ainda cadenciava sua organização nos ritmos do acender a apagar das luzes.

Na década de 1950 percebemos o aumento de espaços que se classificavam modernos, foi assim com a “Rua do Pátio”. Além das ruas, outras casas passaram a contar com a iluminação, aliás, o fornecimento de energia tinha como principal objetivo “clarear” os espaços, já que o fornecimento se mostrava precário e somente uma minoria dispusesse de equipamentos eletrônicos, rádios, televisões, geladeiras.

Com a chegada da energia fornecida pela CHESF, na década de 1960, os habitantes puderam desfrutar de um fornecimento energético que não cessara, logo, percebemos que os ritmos sociais se desprenderam do antigo fornecimento limitado, tanto em aspecto temporal quanto qualitativo.

Em um curto espaço de tempo a cidade passou a assistir a chegada de diversas fábricas, informações e relações. Ela colaborou com a aquisição de outros

equipamentos modernos como a televisão e o rádio, os quais alteraram as noções de espaço-tempo no meio comunicativo.

Além destes, a cidade contou com relações várias que se estendiam graças à energia que proporcionou maior segurança e tranquilidade aos pais. Esta extensão ocorreu também com o comércio que passou a fechar suas portas um pouco mais tarde, o que favoreceu tanto aos comerciantes quanto aos clientes que poderiam realizar suas compras em horários vários.

A cidade que buscava sua modernização também conviveu com elementos tradicionais, uma vez que os espaços beneficiados com o moderno se caracterizou limitado, principalmente com o fornecimento a motor. Outros aspectos tradicionais também puderam se observar, como a ausência de equipamentos para aderir o moderno para seus lares e a conseqüente adesão da energia por meio de ligações irregulares, não realizadas pela fornecedora.

## REFERÊNCIAS

CABRAL FILHO, Severino. *A cidade revelada: Campina Grande em imagens: História*. Campina Grande, UFCG, 2009.

ARANHA, Gervácio Batista. *Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais*. Campinas-SP: 2001.

LISBOA, Lindolfo Pereira de. *Raimundo Aragão: sua vida, suas obras*. Recife, edições Miriam Regina, 1990.

ARAÚJO, Júlio Ferreira. *História de Santa Cruz do Capibaribe*. Santa Cruz do Capibaribe. 2003.

ARAÚJO, Júlio Ferreira. *História de Santa Cruz do Capibaribe*. 2ª Ed. Santa Cruz do Capibaribe. 2008.

JULIÃO, Gilson José. *Cultura política em torno da figura de Padre Zuzinha em Santa Cruz do Capibaribe-PE (1968-1986)*. Monografia de História. Campina Grande: UEPB, 2010.

SANTOS, Saulo Alves dos. *Santa Cruz do Capibaribe: A construção de uma simbologia político-partidária a partir da emancipação. (1953-1966)*. Monografia de História. Campina Grande: UEPB, 2015.

BETHENCOURT e CURTO. «Notas de Apresentação». In GINZBURG, Carlo. *A Micro-História e outros ensaios*. Rio de Janeiro. ifel, 1991.

ARANHA, Gervácio Batista. *Seduções do moderno na Parahyba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925)*. In *A paraíba no Império e na República: estudos da história social e cultural – 2 ed*. João Pessoa: Ideia, 2005.

ALVES, Fernanda Karoline Martins Lira. *Becos e casebres na Parahyba do norte: Na mira da ordem sanitária*. In Souza, Antônio Clarindo Barbosa de. *Cidades e experiências modernas*. Campina Grande, EDUFCG, 2010.

MAIA, José Augusto. *História de Santa Cruz do Capibaribe*. In Youtube, 2005. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=L-AMqww70S0>, Acesso em: 07/02/2016.

TAVARES, Edson. *Santa Cruz de ontem*. In Blog Sulanca News. 2014. Disponível em [http://www.blogsulancanews.com/2014/06/santa-cruz-de-ontem-por-edson-tavares\\_10.html](http://www.blogsulancanews.com/2014/06/santa-cruz-de-ontem-por-edson-tavares_10.html), Acesso em: 15/03/2016.

## **FONTES**

### **Fontes orais:**

SILVA, Arnaldo Vitorino. *Entrevista concedida para André Luís Lins Pires*. 25 de Abril de 2016.

SANTOS, Severino Celestino. *Entrevista concedida para André Luís Lins Pires*. 04 de Maio de 2016.

### **Periódico:**

Jornal Tribuna do Norte da cidade de Natal, RN. 17 de setembro de 1963.

### **Fontes imagéticas:**

Fotografia de Raimundo Francelino Aragão em 1970. Arquivo pessoal de Arnaldo Vitorino Silva.

Fotografia do Coronel Luiz Alves da Silva. Arquivo pessoal de Arnaldo Vitorino Silva.

Fotografia da Banda Novo Século na Rua Grande em 1914. Arquivo pessoal de Arnaldo Vitorino Silva.

Fotografia do desfile de 7 de setembro de 1947. Arquivo pessoal de Arnaldo Vitorino Silva.

Imagem demonstrativa sobre o crescimento municipal. Arquivo pessoal de Arnaldo Vitorino Silva.

Fotografia da Rua Grande em 1947. Arquivo pessoal de Fábio Aragão.

Fotografia da inauguração do motor adquirido pela prefeitura. Arquivo pessoal de Arnaldo Vitorino Silva.

Fotografia da enchente de 1960. Arquivo pessoal de Arnaldo Vitorino Silva.

Fotografia a “Rua Grande” década de 1960. Arquivo pessoal de Arnaldo Vitorino Silva.

Fotografia da Igreja Matriz, início do séc. XX. Arquivo pessoal de Arnaldo Vitorino Silva.

Fotografia do armazém de Pedro Neves. Arquivo pessoal de Arnaldo Vitorino Silva.

Fotografia da chegada de postes de cimento na Vila de Poço Fundo. Arquivo pessoal de Arnaldo Vitorino Silva.

Fotografia das primeiras máquinas manuais que auxiliavam na produção da sulanca, década de 1950. Arquivo pessoal de Arnaldo Vitorino Silva.